

Sociolinguística e a formação inicial de professores de língua

Victor Renê Andrade Souza

Mestrando em Estudos Linguísticos (PPGL/UFS)

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: victor.andrade573@gmail.com

Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0392-2839>

Lucas Santos Silva

Mestrando em Estudos Linguísticos (PPGL/UFS)

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: lucas_riachao@hotmail.com

Bolsista CAPES

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3540-4350>

Vanessa Ponte

Doutoranda em Estudos Linguísticos (PPGL/UFS)

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: vanessaponte@gmail.com

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6676-6258>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 6

Número 1

Recebido em: 05/06/2020

Aprovado em: 06/08/2020

Resumo

Apesar do amplo avanço da sociolinguística enquanto campo científico, e da sua inserção nas políticas públicas educacionais, a compreensão da variação linguística não tem chegado efetivamente à formação inicial de professores de língua. Neste artigo, analisamos as perguntas formuladas durante a conferência **Bases para uma pedagogia da variação linguística** (Abralin ao Vivo – *Linguists Online*), proferida por Carlos Alberto Faraco, como reflexo da formação inicial de professores de língua no Brasil. Em termos metodológicos, as perguntas foram agrupadas em eixos temáticos e discutidas à luz de estudos sociolinguísticos. A análise qualitativa das perguntas sinaliza indícios de falhas na formação inicial de professores de língua.

Palavras-chave:

Formação de professores de língua; Sociolinguística; Carlos Alberto Faraco.

1 Introdução

A Sociolinguística brasileira tem um amplo conjunto de trabalhos descritivos que sistematizam e explicam a variação, como os compilados em Paiva e Scherre (1999), Scherre (2012), Abraçado e Martins (2015) e Freitag (2016). Freitag (2017a) afirma que os estudos sociolinguísticos de produção e percepção contribuem para a ensino de português na medida em que disponibilizam resultados de fenômenos variáveis quanto ao encaixamento linguístico e social e à avaliação social. Esses estudos, segundo a autora, têm suscitado discussões em relação ao ensino e subsidiado a proposição de novas regras nas gramáticas; e essas questões podem levar a sugestões pedagógicas.

Assim, temos uma Sociolinguística a serviço da educação. Uma proposta nesse sentido foi desenvolvida pioneiramente por Labov (1972), na obra *Language in the Inner City: Studies in the Black English Vernacular*. Neste estudo, Labov investigou falhas na leitura de jovens estudantes negros na década de 1960 em cidades estadunidenses. O pesquisador concluiu que as falhas em leitura decorriam de conflitos políticos e culturais em sala de aula, marcados por aspectos dialetais. Freitag (2016, p. 451) afirma que a principal contribuição desse trabalho consiste no despertar “da Sociolinguística em mobilizar os resultados de seus estudos para revertê-los em tecnologia social: materiais didáticos e de difusão no suporte, reconhecimento e valorização das variedades”.

No Brasil, estudos sociolinguísticos têm se dedicado à articulação entre sociolinguística e educação e à aplicação dos conhecimentos empíricos sobre variação linguística no ensino de língua materna. As propostas têm se desenvolvido seja no âmbito da chamada sociolinguística educacional, proposta por Bortoni-Ricardo (2004), seja no bojo da pedagogia da variação linguística, defendida por Zilles e Faraco (2015).

Como esclarece Freitag (2016), o tratamento da diversidade linguística já figura nos documentos oficiais da educação brasileira, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC); nas avaliações em larga escala, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); nas diretrizes do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD); e nos programas de avaliação dos cursos de formação inicial, como no edital do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Görski e Freitag (2013, p. 18-19) resumizam que os documentos norteadores das práticas pedagógicas e que balizam a escolha do material didático de língua portuguesa se sustentam nos pressupostos da Sociolinguística e apontam para

i) o reconhecimento de que a variação é constitutiva das línguas humanas, que são historicamente situadas;

- ii) o papel da escola diante da diversidade e da desigualdade, valorizando e legitimando todas as variedades linguísticas, e combatendo a estigmatização, discriminação e preconceitos relativos ao uso da língua;
- iii) as situações reais de interação como condição para que se dê o ensino da língua, contemplando, de maneira articulada, usos linguísticos (ouvir-falar, ler-escrever) e reflexão sobre a linguagem;
- iv) a importância da verificação das regularidades das diferentes variedades do Português e o reconhecimento dos valores sociais nelas implicados;
- v) o reconhecimento de que o domínio dos diferentes usos da linguagem amplia as possibilidades de participação social no exercício da cidadania;
- vi) o fato de que “o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa”

Mais recentemente, a Base Nacional Comum Curricular destacou a compreensão da variação linguística como competência essencial ao aluno da educação básica. No que tange ao Ensino Fundamental, o documento preconiza que ao final desta etapa o aluno deve

- 1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. [...]
- 4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos. (BRASIL, p. 87)

No que concerne ao Ensino Médio, a base apregoa que o aluno concludente deve

- 4. Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, p. 490)

Esses objetivos da educação básica norteiam e normatizam o planejamento curricular dos cursos de formação inicial de professores de língua das Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil (PINTO, 2018). Assim, as IES, notadamente os cursos de Letras, devem estar em concomitância com o que propõem as políticas educacionais do ensino básico (PINTO, 2018). Desse modo, as orientações oficiais exigem que se formem professores aptos para o reconhecimento e o respeito da variação linguística e para lidar com a realidade plural de seus alunos.

O professor de língua portuguesa precisa ter concepção sólida dos conceitos sociolinguísticos básicos, evocá-los e aplicá-los em sala de aula para compreensão das situações linguísticas que caracterizam o cotidiano dos falantes. Ou seja, faz-se necessário que o docente assuma uma atitude de investigador linguístico para que possa desempenhar de modo competente e criativo o seu papel no processo de ensino-aprendizagem da língua (GÖRSKI; FREITAG, 2013).

Görski e Freitag (2013, p. 19) apontam que é fundamental que o professor de língua portuguesa

i) assuma uma concepção de língua como sistema heterogêneo, historicamente situado; ii) reconheça que as variantes linguísticas portam significado social e que a avaliação dos falantes acerca das formas interfere nos rumos de uma mudança; iii) reconheça o papel da língua na identidade sociocultural de um grupo/comunidade; e iv) tenha noção de norma(s) linguística(s) e da motivação política da escolha de uma “norma padrão”.

Entretanto, apesar do amplo avanço da sociolinguística enquanto campo científico e da sua inserção nas políticas públicas educacionais, a compreensão da variação linguística não tem chegado efetivamente à formação inicial de professores de língua e, por corolário, às práticas pedagógicas das aulas de língua portuguesa (COAN; FREITAG, 2010; FREITAG, 2016; FREITAG, 2017a; PINTO, 2018). Freitag (2017b) destaca que falta uma base linguística sólida, ou seja, o entendimento da língua dentro de um modelo, como o da gramática normativa; que permita o desenvolvimento de uma pedagogia culturalmente sensível e de uma sensibilidade sociolinguística (SILVA; SIMIONI, 2015; SOUZA; SIMIONI; SILVA, 2018).

Ademais, os materiais e os métodos para o ensino que lidam com variação linguística são pouco conhecidos entre professores de língua portuguesa e entre alunos dos cursos de Letras, que, não raro, saem da academia sem sequer superar criticamente os estigmas sociais que se atrelam aos usos linguísticos característicos dos grupos menos favorecidos da sociedade. Dessa forma, continuamente, semestre após semestre, docentes dos cursos de Letras precisam concentrar esforços para desfazer os mais diversos mitos relacionados à língua portuguesa; quando deveriam, se observadas as diretrizes para ensino de língua materna no ensino básico, ser constatações de que partiriam rumo ao aprofundamento do estudo da variação linguística.

Frente a esse cenário, o objetivo deste artigo é analisar as perguntas formuladas pela audiência virtual do evento **Abralin ao Vivo – Linguists Online**¹ durante a conferência **Bases para uma pedagogia da variação linguística**², proferida por Carlos Alberto Faraco (UFPR) e mediada por Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), como reflexo da formação inicial de professores de língua no Brasil.

¹ O **Abralin ao Vivo – Linguists Online** foi organizado pela Associação Brasileira de Linguística (Abralin), em parceria com Comité International Permanent des Linguistes (CIPL), a Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL), a Sociedad Argentina de Estudios Lingüísticos (SAEL), a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), a Linguistic Society of America (LSA), a Linguistics Association of Great Britain (LAGB) e a Societas Linguistica Europaea (SLE). O evento congregou conferências e mesas-redondas com pesquisadores nacionais e internacionais da Linguística e contou com uma plataforma aberta e interativa, através da qual estudantes, pesquisadores e demais interessados puderam interagir através de perguntas e comentários via *chat*. Mais informações podem ser encontradas em: <https://www.abralin.org/site/evento/abralin-ao-vivo/>.

² Conferência ocorrida às 19h do dia 08 de maio de 2020 e disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title.

Assumimos que o teor dos comentários, bem como as temáticas em que se encaixam as perguntas, são indícios de falha na formação inicial de professores de língua.

Com a análise aqui apresentada, pretendemos contribuir para o esclarecimento de questões relativas à sociolinguística, à sua inserção nas políticas públicas educacionais e à variação linguística e ensino; bem como oferecer subsídios para o planejamento curricular dos cursos de formação inicial de professores de língua.

2 Metodologia

O *corpus* do presente estudo é constituído pelos comentários realizados via *chat* na conferência **Bases para uma pedagogia da variação linguística** proferida por Faraco (2020) na plataforma aberta e interativa do **Abralin ao Vivo – Linguists Online**. O vídeo, disponível no YouTube, conta com mais de 6 mil visualizações, e a conferência, que contabiliza 653 comentários, é destacada pela mediadora como uma das com maior engajamento de público.

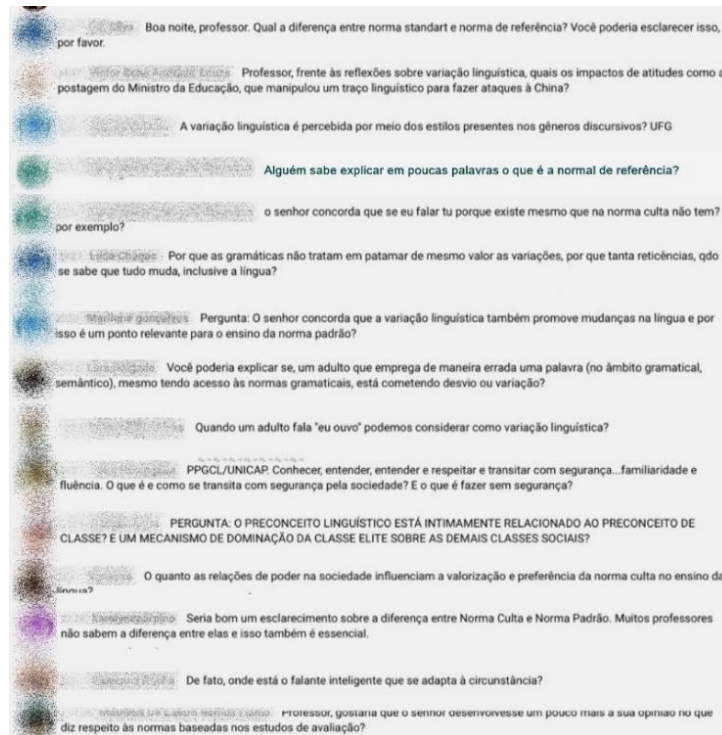
Os 653 comentários da audiência virtual foram tabulados e categorizados em: marcação de presença (207), elogio (178), interação entre internautas (93), comentário sobre o tema (85), pergunta (53) e comentário geral (37). Para fins desta investigação, foram considerados apenas os itens classificados como pergunta (53), sendo excluídas as repetições. Após a filtragem, as perguntas foram agrupadas, por similaridade temática, em três blocos, assim discriminados: (i) **variação linguística e ensino** (30), que diz respeito a questionamentos direcionados a como ensinar português na educação básica tendo por base uma pedagogia da variação linguística; (ii) **reconhecimento da variação linguística** (15), perguntas voltadas a noções básicas de variação linguística; e (iii) **variação linguística e políticas públicas educacionais** (7), dúvidas dos internautas relacionadas ao tratamento dado à variação linguística pelas principais políticas públicas educacionais do país, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Apenas 1 pergunta não será analisada, devido não se encaixar nos eixos aqui delimitados, estando relacionada ao campo das teorias linguísticas.

Na seção seguinte, as perguntas realizadas no *chat* durante a conferência de Faraco são analisadas a partir de blocos temáticos, levando em consideração as contribuições empíricas da Sociolinguística, sua inserção nas políticas públicas educacionais e a formação de professores de língua materna. As perguntas serão reportadas no corpo do texto respeitando a escrita original do comentário, sem qualquer revisão; serão removidos apenas as saudações e os comentários iniciais que possam identificar autoria.

3 Análise dos dados

O bloco temático que denominamos **reconhecimento da variação linguística** reúne perguntas voltadas a noções basilares da Sociolinguística e ao comportamento da variação linguística no meio social (Figura 1).

Figura 1 – Comentários relativos ao eixo reconhecimento da variação linguística



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title. Acesso em: 19 maio 2020.

Algumas dessas perguntas abordam questões latentes nos estudos sociolinguísticos atuais, como a manipulação de traços linguísticos para a discriminação e a relação entre língua e poder (SILVA, 2019; FREITAG *et al.*, 2020). Entretanto, a maioria dos comentários deste bloco temático versam sobre noções básicas sobre sociolinguística que já deveriam estar consolidadas em profissionais das letras nos diversos níveis de formação – público-alvo do evento **Abralin ao Vivo – Linguists Online**, e sobretudo naqueles que atuam diretamente com o ensino de língua portuguesa, visto o tratamento da variação linguística nos documentos oficiais da educação (PATRIOTA; PEREIRA, 2018; CONCEIÇÃO; PEREIRA, 2018) e nas provas objetivas do Enem (ANDRADE; FREITAG, 2016).

Perguntas desse bloco temático incidem sobre a noção de normas linguísticas:

(1) “*Seria bom um esclarecimento sobre a diferença entre Norma Culta e Norma Padrão. Muitos professores não sabem a diferença entre elas e isso também é essencial.*”;

- (2) “Qual a diferença entre norma *standart* e norma de referência? Você poderia esclarecer isso, por favor.”;
- (3) “Alguém sabe explicar em poucas palavras o que é a *normal* de referência?”.

Não sem razão, questões como essas indicam que ainda não se faz clara a ideia de que norma padrão e norma culta não são sinônimas. Freitag (2014) constatou que essa imprecisão conceitual é percebida inclusive nos documentos oficiais do Enem. Faraco, em sua fala, assume que é tarefa urgente das universidades destrinchar essa confusão terminológica, tendo em vista que não foi construído até hoje um consenso sobre a norma de referência, fato que deixa professores sem um norte seguro de qual normatização seguir e ensinar.

Como resposta às questões (1), (2) e (3), destacamos a distinção entre norma culta e norma padrão proposta por Faraco (2008). Segundo o autor, norma padrão diz respeito a um ideal de língua abstrato, não sendo uma variedade da língua; a norma culta, por sua vez, refere-se à variedade linguística de falantes com nível de escolaridade superior, os considerados “falantes cultos” (FARACO, 2008). Durante a conferência, Faraco afirma que a norma de referência de ensino deveria se relacionar com o que ele chama de português *standard* falado, isto é, com a norma culta falada, e estar baseada em estudos sociolinguísticos empíricos.

Uma outra parte dos questionamentos desse bloco temático relaciona-se a conhecimentos linguísticos basilares sobre variação linguística:

- (4) “se, um adulto que emprega de maneira errada uma palavra (no âmbito gramatical, semântico), mesmo tendo acesso às normas gramaticais, está cometendo desvio ou variação?”;
- (5) “Quando um adulto fala ‘eu ouvo’ podemos considerar como variação linguística?”.

Perguntas como essas não comportam respostas simplistas, como **é variação linguística** ou **não é variação linguística**. Em (4), temos uma falha já constatada por Souza, Simioni e Silva (2018) na formação inicial de estudantes dos cursos de Letras do Sul do país: a de se considerar sob o julgo de ser variação ou desvio apenas a variante não-padrão, “*errada*”; quando, na verdade, o processo de variação envolve também a variante padrão. Para responder a uma pergunta como em (4) é preciso levar em consideração diversos fatores: em que modalidade da língua e contexto comunicativo o falante “*emprega de maneira errada uma palavra*”; e o que o internauta entende como erro, como variação e como desvio; e isso significa compreender os processos variáveis, inclusive os da gramática, que também é suscetível à variação. Só a partir do desenvolvimento de uma base linguística sólida e de uma sensibilidade sociolinguística o professor será capaz de lidar com questões como essa e praticar um ensino “enfatizando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades, contextualizando-as sócio-historicamente

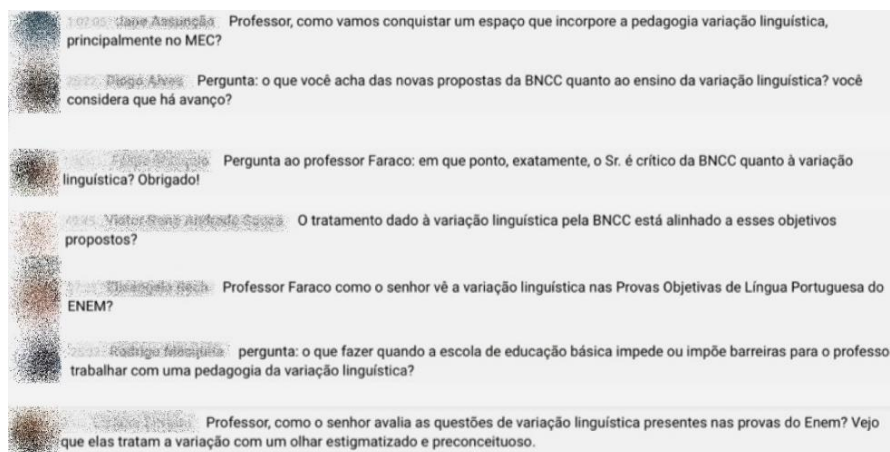
(distinguindo diversidade de desigualdade), e combatendo preconceitos entre os próprios alunos [...]” (GÖRSKI; FREITAG, 2013, p. 45).

Em (5), temos efeito da regularização de formas verbais irregulares, um processo de organização do paradigma que a Sociolinguística não é capaz de explicar, requer conhecimento de reanálise e analogia. Percebemos, portanto, a importância de uma base sólida sobre o funcionamento do sistema linguístico, o que perpassa pelo conhecimento da gramática enquanto ciência, e não simplesmente enquanto conjunto de regras normativas. No entanto, segundo Freitag (2017b, p. 102), não é o que acontece na formação inicial dos cursos de Letras:

O curso de Letras, via de regra, desconstrói a gramática normativa a partir de teorias linguísticas. O aluno entra sem conhecer gramática normativa, vê que é um modelo falseável (como todos os modelos, diga-se), e sai sem ter se apropriado desse modelo, nem de outro em seu lugar, pois, novamente, via de regra, os currículos estão abarrotados de modelos teóricos e interfaces, mas sem oportunidades para o desenvolvimento de práticas pedagógicas (laboratórios, antes dos estágios). Quando vai atuar, o graduado se depara com orientações como a da BNCC. Vai fazer o que?

O outro bloco temático de perguntas vai ao encontro desse questionamento de Freitag (2017b) e direciona a atenção justamente para o tratamento dado à variação linguística pelas principais políticas públicas educacionais do país, como o Enem e a BNCC (Figura 2).

Figura 2 – Comentários relativos ao eixo variação linguística políticas públicas educacionais



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title. Acesso em: 19 maio 2020.

Algumas das perguntas desse bloco buscam uma posição de Faraco, enquanto especialista constituidor de discurso de autoridade, sobre o Enem e sobre o documento da BNCC:

- (6) “como o senhor avalia as questões de variação linguística presentes nas provas do Enem? Vejo que elas tratam a variação com um olhar estigmatizado e preconceituoso.”;
- (7) “Professor Faraco como o senhor vê a variação linguística nas Provas Objetivas de Língua Portuguesa do ENEM?” ;
- (8) “o que você acha das novas propostas da BNCC quanto ao ensino da variação linguística? você considera que há avanço?”;
- (9) “O tratamento dado à variação linguística pela BNCC está alinhado a esses objetivos propostos?”;
- (10) “em que ponto, exatamente, o Sr. é crítico da BNCC quanto à variação linguística?”.

Estas perguntas sinalizam que há um interesse da audiência em compreender se o que preconizam os documentos oficiais e as políticas públicas educacionais se sustentam em conhecimento científico. Não podemos negar legitimidade aos questionamentos, visto que tanto textos especializados da área quanto os próprios documentos educacionais ainda contêm “um excesso de teorizações encapsuladas num discurso um tanto quanto hermético que faz sentido no ambiente universitário, mas pouco diz para a maioria dos professores da educação básica” (FARACO, 2008, p. 193).

O tratamento dado à variação linguística nas políticas públicas educacionais já foi alvo de estudos, que analisaram a inserção da diversidade linguística nos documentos oficiais, como os PCN e, mais recentemente, a BNCC (cf. PATRIOTA; PEREIRA, 2018; CONCEIÇÃO; PEREIRA, 2018); nas avaliações oficiais, como o Enem (cf. FREITAG, 2014; ANDRADE; FREITAG, 2016a; ANDRADE; FREITAG, 2016b) e a Provinha Brasil (cf. FREITAG, 2015; FREITAG; ALMEIDA; ROSÁRIO, 2013).

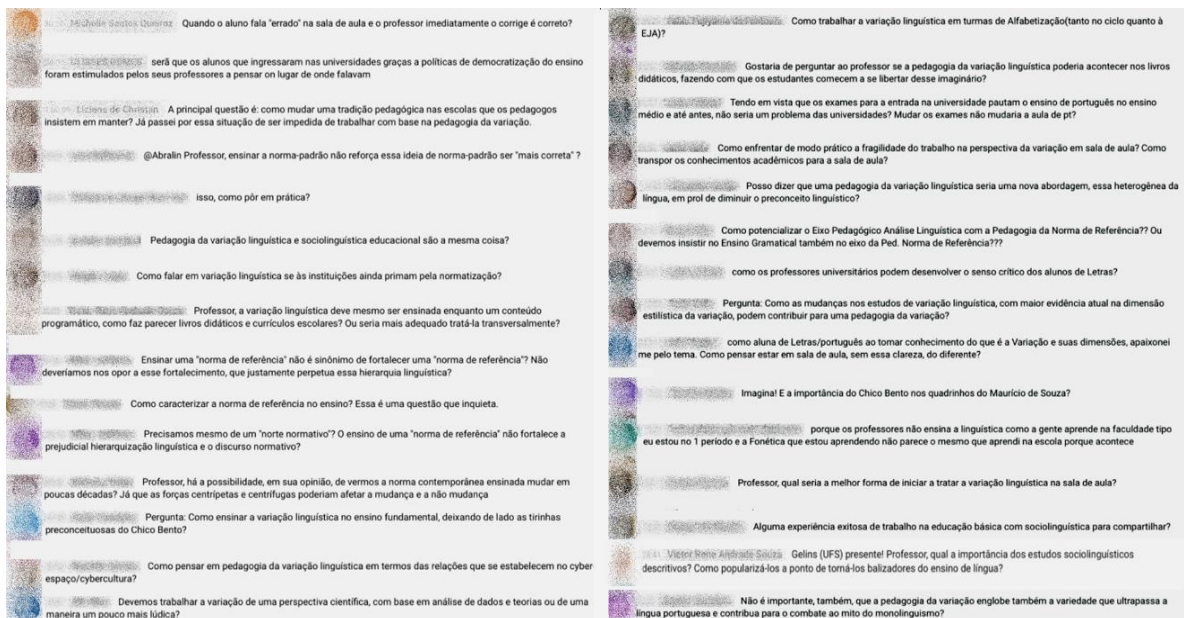
Quanto às dúvidas (6) e (7) dos internautas no que tange às questões que tematizam a variação linguística nas provas de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias do Enem, Andrade e Freitag (2016b) constataram que a variação linguística vem sendo tratada em conformidade com o que preconizam os documentos norteadores da educação nacional, mas destacam que há aspectos que precisam ser revistos. Segundo as autoras, há uma restrição da abordagem variacionista na maior parte das questões que não possibilita aos candidatos uma reflexão mais aprofundada sobre variação e heterogeneidade da língua.

Com relação às questões (8), (9) e (10), podemos ressaltar que o documento da BNCC apresenta um conjunto de habilidades que se relacionam com diversos objetos de conhecimento; essas habilidades são propostas para assegurar o desenvolvimento de competências específicas do componente curricular de Língua Portuguesa. Dentre as 20 unidades temáticas propostas como componente curricular da disciplina está variação linguística. **Variedades linguísticas e norma padrão, processos de variação linguística e aspectos não linguísticos no ato da fala** são três dos 108 objetos de conhecimento do componente curricular de Língua Portuguesa elencados na Base. Com isso, pode-se dizer que o documento da BNCC trata da variação

linguística indiretamente, por meio dos trechos em que aborda a diversidade linguística, mas também diretamente, quando reconhece a variação como fenômeno intrinsecamente relacionado às línguas humanas, por exemplo. Além disso, o documento suscita questões próprias das discussões sociolinguísticas, pois relaciona textos e enunciados à construção de discursos responsáveis pela instauração ou manutenção das relações de poder (PATRIOTA; PEREIRA, 2018).

O bloco temático mais extenso, composto por 30 perguntas, diz respeito às questões sobre variação linguística e ensino (Figura 3). Nesse bloco, as perguntas versam sobre como ensinar português na educação básica, tendo por base uma pedagogia da variação linguística. O próprio Faraco (2020), em sua fala, reconhece que as questões do ensino estão abertas inclusive para ele.

Figura 3 – Comentários relativos ao eixo variação linguística e ensino



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title. Acesso em: 19 maio 2020.

A quantidade de perguntas sobre como ensinar português com base em uma pedagogia da variação linguística sinaliza que os profissionais saem da academia sem saber como pôr em prática os conhecimentos sobre variação linguística construídos ao longo da formação inicial:

- (11) “qual seria a melhor forma de iniciar a tratar a variação linguística na sala de aula?”;
- (12) “Como trabalhar a variação linguística em turmas de Alfabetização(tanto no ciclo quanto à EJA)?”;
- (13) “Devemos trabalhar a variação de uma perspectiva científica, com base em análise de dados e teorias ou de uma maneira um pouco mais lúdica?”;

- (14) “Como ensinar a variação linguística no ensino fundamental, deixando de lado as tirinhas preconceituosas do Chico Bento?”;
- (15) “a variação linguística deve mesmo ser ensinada enquanto um conteúdo programático, como faz parecer livros didáticos e currículos escolares? Ou seria mais adequado tratá-la transversalmente?”;
- (16) “Alguma experiência exitosa de trabalho na educação básica com sociolinguística para compartilhar?”;
- (17) “Como enfrentar de modo prático a fragilidade do trabalho na perspectiva da variação em sala de aula? Como transpor os conhecimentos acadêmicos para a sala de aula?”;
- (18) “qual a importância dos estudos sociolinguísticos descritivos? Como popularizá-los a ponto de torná-los balizadores do ensino de língua?”;
- (19) “Como as mudanças nos estudos de variação linguística, com maior evidência atual na dimensão estilística da variação, podem contribuir para uma pedagogia da variação?”.

Diante das inquietações presentes nas perguntas de (11) a (19), destacamos os avanços no que tange às práticas pedagógicas baseadas na pedagogia da variação linguística na figura das propostas de Silvia Rodrigues Vieira (cf. VIEIRA, 2018; VIEIRA; LIMA, 2019; SOUZA; SILVA, 2020). A professora propõe um ensino de gramática em três eixos que integre **atividade reflexiva**, **produção de sentidos** e considere os fenômenos linguísticos como manifestação de **normas/variedades** nos contínuos fala/escrita e de monitoramento estilístico propostos por Bortoni-Ricardo (2004), tendo os diferentes gêneros textuais como referência.

Outros avanços podem ser percebidos no âmbito do Mestrado Profissional em rede em Letras (Profletras), que assumiu uma carga pedagógica não contemplada na formação inicial. O programa, na área de língua portuguesa, é dirigido a docentes do Ensino Fundamental da rede estadual e é voltado ao desenvolvimento de um produto pedagógico, que integra trabalhos descritivos, práticas pedagógicas e a testagem de sua efetividade (FREITAG, 2017a). Ao contrário dos cursos de formação inicial em Letras, o Profletras tem uma disciplina obrigatória sobre o ensino de gramática e variação. É através dela que o professor de língua passa por um processo de desconstrução dos “dogmas” em relação a *como, se deve, para quê* e o *por quê* ensinar gramática, contrariando a concepção de língua estática e de gramática imutável (FREITAG, 2017b).

A audiência questiona a Faraco também sobre como lidar com a variação linguística no âmbito da sala de aula e na escola:

- (20) “Quando o aluno fala “errado” na sala de aula e o professor imediatamente o corrige é correto?” ;

(21) *“A principal questão é: como mudar uma tradição pedagógica nas escolas que os pedagogos insistem em manter? Já passei por essa situação de ser impedida de trabalhar com base na pedagogia da variação.”;*

(22) *“Como falar em variação linguística se às instituições ainda primam pela normatização?”.*

Sobre essas questões, destacamos a recomendação de Görski e Freitag (2013, p. 44-45):

seria recomendável que o professor, numa postura despida de preconceito, contemplasse as características identitárias do grupo ao qual o aluno pertence: reconhecendo a realidade sociolinguística da sala de aula e da comunidade onde está atuando; observando se há mescla de dialetos evidente entre os alunos, seja dialetos regionais (urbano/rural, centro/periferia, nordestino/sulista, por exemplo), seja sociais (maior ou menor domínio da norma culta em decorrência de fatores sociais como o nível socioeconômico da família, por exemplo), seja decorrentes de contato linguístico (comunidades bilíngues) etc. É importante trabalhar explicitamente com essa realidade da sala de aula, enfatizando a questão da heterogeneidade linguística, comparando as variedades, contextualizando-as sócio-historicamente (distinguindo diversidade de desigualdade), e combatendo preconceitos entre os próprios alunos, sempre na direção da inclusão e não da exclusão social.

Ademais, a audiência inquiriu Faraco sobre a relação entre o ensino gramatical e a variação linguística:

(23) *“Como potencializar o Eixo Pedagógico Análise Linguística com a Pedagogia da Norma de Referência?? Ou devemos insistir no Ensino Gramatical também no eixo da Ped. Norma de Referência?”;*

(24) *“Precisamos mesmo de um ‘norte normativo’? O ensino de uma ‘norma de referência’ não fortalece a prejudicial hierarquização linguística e o discurso normativo?”;*

(25) *“Ensinar uma ‘norma de referência’ não é sinônimo de fortalecer uma ‘norma de referência’? Não deveríamos nos opor a esse fortalecimento, que justamente perpetua essa hierarquia linguística?”;*

(26) *“Abralín Professor, ensinar a norma-padrão não reforça essa ideia de norma-padrão ser ‘mais correta’?”.*

Sobre essas questões, Faraco advoga que não existe conflito em adotar uma pedagogia da variação linguística e o ensino de uma norma. O professor propõe, dentro da própria pedagogia da variação linguística, o desenvolvimento de uma pedagogia da norma de referência – termo adotado em alternativa à expressão norma culta –, a fim de esclarecer que não há negação da norma de referência. Assim, os defensores da pedagogia da variação linguística devem garantir que os alunos, além de compreender e respeitar a variedade linguística, tenham acesso à norma de

referência, conhecendo e dominando suas funcionalidades e características, sobretudo no que tange à escrita monitorada. É nesse processo de retroalimentação entre estudos sociolinguísticos empíricos e ensino de língua que Faraco acredita. Nesse ciclo, a formação continuada dos professores de língua portuguesa torna-se fulcral, inclusive para mudanças de paradigmas e dogmas nas práticas pedagógicas no ensino de análise gramatical (FREITAG, 2017b).

4 Considerações finais

As dúvidas da audiência especializada da palestra proferida pelo professor e linguista Carlos Alberto Faraco no evento **Abralin ao vivo – Linguists Online** incidem sobre três principais eixos: i) conceitos sociolinguísticos cujo domínio ainda escapa à maioria dos professores, mesmo formados, de língua portuguesa; ii) tratamento da variação linguística nas políticas públicas educacionais; e iii) aplicação dos conhecimentos sociolinguísticos construídos durante a formação inicial à prática pedagógica.

A análise das perguntas revelou não só interesse pela relação entre Sociolinguística e ensino, mas sinaliza falhas na formação inicial de professores de língua. Os indícios de falha da formação, se considerados, podem subsidiar o planejamento curricular dos cursos de formação inicial de professores de língua.

Levar a Sociolinguística para as salas de aula das escolas significa disponibilizar a professores do ensino básico os resultados das diversas pesquisas voltadas para o estudo e a sistematização da variação linguística no português do Brasil, mas também tratar da construção de uma relação clara e bem estabelecida entre conceitos teóricos e a realidade linguística a que o professor tem acesso: a realidade linguística do seu alunado.

É sensível a necessidade da popularização de uma pedagogia que direcione professores a reflexões sobre a estrutura da língua, que os impeça de “caçar erros de português” (ou estimule seus alunos a fazê-lo), orientando a observação dos mecanismos que regem e influenciam a variação a partir dos tantos exemplos do seu dia a dia.

Muito além de discutir a formação inicial de professores, tema ainda muito necessário – sobretudo no presente momento, em que assistimos, não de braços cruzados, o desrespeito por que passam os cursos das Ciências Humanas –, talvez nos seja imperativo tratar da ampla divulgação das discussões que se iniciam nas universidades e devem, urgentemente, permear também os ambientes escolares.

Eventos promovidos por associações científicas como a Abralin, a mobilização crítica que partem das universidades bem como a resistência das comunidades científicas que as universidades abrigam são muito mais do que peças chave nesse processo, são vetores de transformação.

Referências

- ABRAÇADO, J.; MARTINS, M. A. (Ed.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. Editora Contexto, 2015.
- ANDRADE, S. R. de J.; FREITAG, R. M. K. Competências sociolinguísticas na prova do Enem. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 25, n. 51, 2016a.
- ANDRADE, S. R. de J.; FREITAG, R. M. K. A evolução do tratamento da variação linguística no Enem. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 19, n. 1, p. 293-320, 2016b.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 21 maio 2020.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.
- CONCEIÇÃO, R. B. da; PEREIRA, T. C. Avaliação de políticas que orientam o ensino da variação linguística. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 8, n. 23, p. 65-79, jun. 2018.
- FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BASES para uma pedagogia da variação linguística. Conferência apresentada por Carlos Alberto Faraco [s.l., s.n.], 2020. 1 vídeo (1h 9 min 15s). Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title. Acesso em: 08 maio 2020.
- FREITAG, R. M. K.; ALMEIDA, A. N. S.; ROSÁRIO, M. M. S. Contribuições para o aprimoramento da Provinha Brasil enquanto instrumento diagnóstico do nível de alfabetização e letramento nas séries iniciais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 94, n. 237, p. 390-416, 2013.
- FREITAG, R. M. K. A prova de redação do Enem: divergências entre as orientações para a prática e as diretrizes de avaliação. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 20, 2014.
- FREITAG, R. M. K. Entre a teoria e a prática: a Provinha Brasil e o tratamento da variação linguística na alfabetização. *Interfaces científicas-educação*, v. 3, n. 3, p. 43-54, 2015.
- FREITAG, R. M. K. Sociolinguística no/do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 3, p. 445-460, 2016.
- FREITAG, R. M. K. A mudança linguística, a gramática e a escola. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 18, n.37, p. 63 - 91, maio/ago. 2017a.
- FREITAG, R. M. K. O Dogma do Sujeito e Outros Dogmas. *Revista Diadorim*, v. 19, n. 2, p. 95-106, 2017b.
- FREITAG, R. M. K.; LIMA, M. E. O.; SILVA, L. S.; SOUZA, V. R. A. O uso da língua para a discriminação. *A Cor das Letras*, v. 21, n. 1, p. 185-207, 2020.

GÖRSKI, E. M.; FREITAG, R. M. K. O papel da Sociolinguística na formação dos professores de Língua Portuguesa como língua materna. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (org.). *Coleção Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino, volume V - Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de Língua Portuguesa*. Natal: EDUFRN, 2013.

LABOV, W. *Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular*. University of Pennsylvania Press, 1972.

PAIVA, M. da C. de; SCHERRE, M. M. P. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 15, n. SPE, p. 201-232, 1999.

PATRIOTA, L. M.; PEREIRA, P. R. Ferreira. O lugar da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Revista Letras Raras*, v. 7, n. 2, p. 289-307, 2018.

PINTO, V. M. R. *Por uma educação sociolinguística consciente nos cursos de Letras*. 2018, 251 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, n. 4, 2012.

SILVA, T. B.; SIMIONI, T. O personagem Chico Bento como recurso didático e o que ele revela sobre os conhecimentos de variação linguística de professores e futuros professores. *Guavira Letras*, v. 11, n. 21, 2015.

SILVA, A. J. B. da. Português de arremedo: um lado do preconceito linguístico no Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-19, 2019.

SOUZA, A. de; SIMIONI, T.; SILVA, T. B. da. A noção de norma, a variação linguística e a formação de professores: entre a sociolinguística e uma “linguística da tolerância”. *SOLETRAS*, n. 35, p. 28-54, 2018.

SOUZA, V. R. A.; SILVA, L. S. A proposta de um ensino de gramática em três eixos. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 2, p. 1-7, 12 ago. 2020.

VIEIRA, S. R. *Gramática, variação e ensino: diagnose e propostas pedagógicas*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2018.

VIEIRA, S. R.; LIMA, M. D. A. de O. (Orgs.). *Variação, gêneros textuais e ensino de Português: da norma culta à norma-padrão*. Rio de Janeiro: Letras UFRJ, 2019.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Sociolinguistics and language teacher education

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 6

Number 1

Received in: 05/06/2020

Approved in: 06/08/2020

Abstract:

Despite the wide advance of Sociolinguistics as a scientific field and its insertion in public educational policies, the understanding of linguistic variation has not effectively reached Portuguese language teaching education. In this paper we analyze the questions made during the lecture “*Bases towards a pedagogy of linguistic variation*” (**Abralin ao Vivo – Linguists Online**) delivered by Carlos Alberto Faraco as a reflex of language teacher education in Brazil. Concerning the methodology, the questions were grouped into thematic clusters and discussed under the sociolinguistic studies. The qualitative analyses of the questions signal cues of failure in language teacher education.

Keyword:

Language teacher education; Sociolinguistics; Carlos Alberto Faraco.